

O futuro da ressurreição: levantamento*

André Myre

Se a palavra “ressurreição” é a última da vida, não poderia deixar de ser a primeira da fé. Expressão do impacto de Cristo sobre semitas há dois mil anos, adquire todo o seu sentido da experiência que eles viveram e da cultura que havia modelado seus espíritos. Tem um passado que engloba toda a riqueza do cristianismo, mas tem um futuro? Para abordar a questão, talvez seja conveniente perguntarmo-nos se tem um presente.

Uma constatação

Em nossos dias, a ressurreição não é mais compreendida segundo o sentido e a coerência que ela tem no Novo Testamento. Essa divergência não se deve aos reencarnacionistas cristãos, ou aos defensores da Nova Era, ou, ainda, às multidões de fiéis mais ou menos tentadas ao agnosticismo. Referimo-nos à mais alta autoridade da Igreja de Roma, que apresenta, como devendo “servir de texto de referência segura e autêntica para o ensinamento da doutrina católica”,¹ uma obra na qual se encontra a seguinte resposta à pergunta “Que é ressuscitar?”: “Na morte, que é separação da alma e do corpo, o corpo do ser humano cai na corrupção, ao passo que sua alma vai ao encontro de Deus, ficando à espera de ser novamente unida a seu corpo glorificado. Deus, em sua onipotência, restituirá, definitivamente, a vida incorruptível a nossos corpos, unindo-os às nossas almas, pela virtude da Ressurreição de Jesus”.² Não é ir longe demais afirmar a adequação entre essa citação e a crença geral do povo cristão, incluídas todas as confissões, sobre o assunto. Ora, este texto merece reflexão, pois é o fruto de uma longa história, o produto de três inculturações³ sucessivas.

Primeiramente,⁴ houve a fé no despertar (*égersis*) ou levantamento (*anastasis*) de Jesus. Fundamenta-se numa concepção unificada do ser humano, carne viva quando animada pelo sopro que provém de Deus, mas que se dissipa na morte quando este último dela se retira. Não se dá muita atenção, mas o próprio termo “ressurreição” é o fruto de uma primeira inculturação — primordial, é certo, linguagem-teste, linguagem destinada a verificar a autenticidade de todas as outras, mas ainda

* MAINVILLE, O. & MARGUERAT, D. (Org.). *Ressurreição: o pós-morte no mundo antigo e no Novo Testamento*. No prelo por Paulinas Editora..

¹ JOÃO PAULO II. Constituição apostólica *Fidei depositum*, para a publicação do *Catecismo da Igreja Católica* redigido após o Concílio ecumênico Vaticano II. In: *Catéchisme de l'Église Catholique*. Ottawa, Service des Éditions, Conférence des Évêques Catholiques du Canada, 1993 (Cittá del Vaticano, 1992)., p. 9. [Ed. bras.: *Catecismo da Igreja Católica*. 9. ed. São Paulo, Loyola-Vozes-Paulinas-Ave Maria-Paulus, 1998. p. 9.]

² *Catecismo da Igreja Católica*, n. 997.

³ Falar de “três inculturações” é, evidentemente, querer esquematizar demais; leitores e leitoras saberão discernir a parte de verdade que o procedimento permite perceber. Sobre a inculturação, cf. a tese de J. Bacon, *Inculturario, concept sociothéologique. Historique, sémantique et paramètres normatifs suivis de repères bibliques et actuels*. Montréal, Faculté de Théologie, Université de Montréal, 1997.

⁴ Não interessa ao nosso propósito discutir se a fé na ressurreição precedeu ou não a fé na exaltação.

inculturação, isto é, a colocação em palavras de uma convicção íntima da qual se toma consciência por ocasião de sua expressão.⁵ O termo visa à realidade que procura dizer, mas saiu de uma cultura, tem seus limites e não chega a enfraquecer as potencialidades da experiência que provocou seu nascimento. O que se procura dizer era, é e permanecerá sempre escondido aos seres humanos, que não cessarão de penetrar seus segredos. Nesse sentido, a primeira inculturação, “ressurreição”, de origem semítica ou própria do Oriente Médio, já está marcada pelos limites de qualquer linguagem humana.

Paulo percebeu bem isso, e seu discurso da ressurreição atraiu sobre si tanto as zombarias dos pagãos de Atenas (At 17,32) quanto a oposição dos cristãos de Corinto (1Cor 15,12). Ele que, levado pelos imperativos de sua missão junto aos pagãos, procurou reexpressar a nova fé levando em conta até o dualismo corpo/alma tão caro aos gregos (2Cor 5,1-10). E então se realiza uma segunda inculturação, que terá uma influência determinante sobre a terceira, inculturação implícita, a respeito da qual há pouco testemunho, e que Paulo talvez a tenha feito para defender seu corpo. Sinal de que aquilo que ele havia procurado dizer aos coríntios antes, nos termos ressurrecionais recebidos da antropologia semítica, podia inculturar-se nas categorias próprias da antropologia grega.

E deu-se uma terceira inculturação, a mais ampla, a mais difundida, a mais influente até nossos dias, da qual dá testemunho o texto do *Catecismo* citado acima, que reconhece nela a doutrina católica. Fruto de uma união das duas primeiras, ela é, porém, como tal, estranha ao Novo Testamento.

Segundo ela, a morte não é mais a destruição total do ser humano, como a apresenta, geralmente, o Novo Testamento, mas a separação da alma e do corpo. O corpo não é mais o todo do ser humano, como o quer a antropologia semítica, mas essa parte do composto que cai na corrupção. Deus não reside mais nos céus, como crê o Novo Testamento, mas saiu do cosmo e foi relegado num além onde a alma vai ao seu encontro. A ressurreição não é mais a nova criação total dos seres humanos na vida, mas, parece, um retorno à vida em seus corpos, através da união deles com suas almas.⁶

Certamente, há de se convir que aí houve mudanças, não pequenas, na visão neotestamentária da ressurreição.⁷ Sempre se soube disso, mas o conceito está integrado num todo que lhe é estranho e

⁵ LÉON-DUFOUR, X. *Résurrection de Jésus et message pascal* (Parole de Dieu). Paris, Seuil, 1971. p. 275. Escreve: “A experiência espiritual dos discípulos, não meramente subjetiva, repetida, partilhada entre eles, foi comunicada pela mediação da linguagem ambiente e da tradição religiosa, em particular com a ajuda da fé deles na ressurreição coletiva no final dos tempos” (todo o texto está em itálico no original).

⁶ Como entender este enunciado do *Catecismo*: “Deus, em sua onipotência, restituirá, definitivamente, a vida incorruptível a *nossos corpos*, unindo-os às *nossas almas*”? A formulação parece até conceder estatuto ontológico ao corpo e à alma, mas um é imortal e o outro, destruído...

⁷ O contraste é bem descrito por M. É. Boismard, *Faut-il encore parler de “résurrection”?* *Les données scripturaires* (Théologies). Paris, Cerf, 1995. pp. 22-25. GRESHAKE, G. Das Verhältnis “Unsterblichkeit des Seele” und “Auferstehung des Leibes” in problemgeschichtlicher Sicht. In: GRESHAKE, G. & LOHFINK, G. *Naherwartung, Auferstehung, Unsterblichkeit. Untersuchungen zur christlichen Eschatologie* (Quaestiones Disputatae 71). Freiburg,

relegado a um lugar, tudo somado, bem apagado. De fato, no esquema apresentado pelo *Catecismo*, é a alma, imortal, que ocupa o lugar predominante. Entre o momento da separação e aquele no qual ela será reunida a seu corpo glorificado, goza da visão beatífica e é perfeitamente feliz. No fundo, os defensores dessa concepção procuraram expressar sua fé respeitando os dados da própria cultura e, não podendo ou não ousando se desfazer da primeira e fundamental inculturação, conservaram o termo ressurreição, mas marginalizando-o e fazendo com que exercesse um papel quase insignificante. Essa cultura, que forneceu à teologia ocidental seus conceitos básicos, não foi capaz de receber o enxerto do conceito semítico de ressurreição.⁸

Portanto, é importante refletir sobre esta constatação: a ressurreição não é compreendida em nossos dias segundo os sentidos e a coerência que encontra no Novo Testamento.⁹

Diante da constatação

Na parte anterior, fizemos uma constatação, e tal constatação requer reflexão. Num primeiro momento, levanta-se a questão de sua validade. Ninguém vai contestar que há nas igrejas uma tendência muito grande de negar a realidade das inculturações, das quais dá testemunho a história do cristianismo. A linha de interpretação é clara: o Filho de Deus veio para salvar o ser humano de seus pecados; ele tinha em mente a Igreja, instrumento da salvação, estabeleceu os seus fundamentos durante sua vida histórica e montou o edifício após a sua morte concedendo-lhe o Espírito; no Novo Testamento, vamos encontrar os primeiros balbucios daquilo que será expresso depois, a semente daquilo que se tornará uma planta de alcance universal; a Igreja não faz outra

Herder, 1975. pp. 82-113. Vamos encontrarm belas páginas sobre as duas antropologias correntes, com seu significado escatológico e sobre a reflexão posterior.

⁸ Este enunciado vale tanto para a ressurreição quanto para a exaltação de Jesus. Se considerarmos a *função* de uma linguagem, aquela sobre a divindade de Jesus exerce o mesmo papel que aquela sobre a ressurreição: autentica a vida do Nazareno. O escândalo dessa vida e dessa morte fica desvanecido, pois Jesus ressuscitou (ou porque era Deus). Entretanto, está claro que, exceto nos primeiros séculos, na consciência cristã, a linguagem sobre a divindade deslocou a da ressurreição. Segundo tal inculturação, a salvação foi, fundamentalmente, realizada na obra de divinização do humano realizada em Jesus, mais do que está para ser cumprida na obra de ressurreição efetuada por Cristo em prol de suas irmãs e seus irmãos humanos, como o espera o Novo Testamento. Um deslocamento parecido, até maior ainda, se deu em relação ao senhorio ou à exaltação de Jesus. O que pode acrescentar, a alguém que é Deus, o Sopro destinado a fazê-lo senhor? O embaraço dos teólogos sobre esse assunto é patente [um exemplo recente: DENEKEN, M. *La foi pascale. Rendre compte de la résurrection de Jésus aujourd'hui* (Théologies). Paris, Cerf, 1997. pp. 437-458; uma frase diz tudo: “O esquema ‘exaltação’ supõe uma teologia da preexistência” (p. 439). Não saberia melhor ilustrar como a exaltação, conceito fundamental do Novo Testamento (com o da ressurreição), é compreendida a partir da inculturação posterior sobre a divindade de Jesus]. Enquanto, para Paulo, a fé cristã se resume nisto: “Se confessares com tua boca que Jesus é o Senhor e creres em teu coração que Deus o ressuscitou dentre os mortos, tu serás libertado” (Rm 10,9), a teologia clássica diz o seguinte: Jesus é Deus e Deus é trino. Ressurreição e senhorio são jogados à margem da fé.

⁹ Para compreender o estado atual da pesquisa no Novo Testamento, é importante ler H. Grass, *Ostergeschehen und Osterberichte*, Göttingen, Vandenhoeck & Ruprecht, 1970 (1956), e completá-lo com G. Lüdemann, *Die Auferstehung Jesu. Historie, Erfahrung, Theologie*, Göttingen, Vandenhoeck & Ruprecht, 1994 (em inglês: *The resurrection of Jesus: history, experience, theology*. Minneapolis, Fortress Press, 1994). Para um ponto de vista crítico sobre a corrente de pensamento no qual se situa Lüdemann, cf. P. de Mey, “Historical criticism and the resurrection of Jesus: a new tendency in recent scholarship”, *LS* 23 (1998) 246-273. Sobre a hermenêutica da ressurreição, cf. LÉON-DUFOUR, X. *Résurrection*, cit., pp. 251-309; GRESHAKE, G. Verhältnis. In: GRESHAKE, G. & LOHFINK, G. *Naherwartung*, cit., pp. 82-120; WEDDERBURN, A. J. M. Bodily resurrection. A theological and a philosophical necessity? In: *Beyond resurrection*. Peabody-London, Hendrikson-SCM, 1999. pp. 122-152.

coisa senão desenvolver de forma coerente as instituições das origens; a fé assim compreendida não tem nada para se inculturar, ela existia, definitiva, desde os inícios, desenvolveu-se harmonicamente na história, encontrou as palavras que correspondem exatamente ao que ela é e, permanecendo rigorosamente ela mesma quanto ao fundamental, aceita, em nossos dias, adquirir coloração local; mas, conceitual, institucional, jurídica e eticamente, ela é una e imutável, e o que se encontra no *Catecismo*, ou em seus equivalentes, corresponde exatamente aos dizeres do Novo Testamento. Para os defensores dessa linha de interpretação, a constatação da primeira parte é falsa e uma sã hermenêutica da ressurreição consiste em fazer conhecer às multidões cristãs o conteúdo das representações clássicas da fé.

Por outro lado, se se admite a constatação, surge uma primeira tentação, a de condenar ou desvalorizar a imensa tarefa teológica clássica, para voltar à expressão original, como se não houvesse autenticidade de verdadeira fé a não ser nos inícios. Ora, nem melhor, nem pior que as outras, é apenas diferente; exceto, porém, que, sendo a primeira, ela é a linguagem de referência obrigatória para todas as outras. Pode-se dizê-la de forma diferente, mas não contradizê-la quanto ao seu fundamento. Além disso, não há vantagem alguma em retornar aos inícios simplesmente porque se trata dos inícios, essa tentativa é ilusória, pois os mundos culturais da época do Novo Testamento já desapareceram para sempre e é impossível fazê-los reviver tais quais eram. Podemos tentar recriar o passado em si, mas não podemos nos tornar homens ou mulheres do passado.¹⁰

Uma vez admitida a constatação, outra tentação se apresenta, a de deter o movimento da história. A inculturação clássica da fé teve suas provações, dura há dezenove séculos, estendeu-se ao mundo todo e os frutos que ela deu são inumeráveis. Quem seríamos nós para transformar em miudezas uma tão rica herança de alcance universal e fragmentá-la numa multidão de pequenas inculturações mais ou menos efêmeras que tornariam impossível a partilha da fé comum? Reconheçamos os limites de toda linguagem, mesmo aquela que as gerações anteriores nos transmitiram, e contentemo-nos em revigorar as expressões da fé que se tornaram tradicionais.

Contudo, é também ilusório pensar em controlar o processo de inculturação, pois este salienta apenas aparentes iniciativas individuais. De fato, se há, na verdade, o Sopro de Cristo agindo nos fiéis, é evidentemente soberano, mesmo, que exija discernimento para dar-se a conhecer. E é ele o encarregado de ensinar a cada geração humana o pensamento ou a vontade de Cristo (Jo 16,14). Portanto, ele é o dinamismo primeiro na origem de toda inculturação. E ele age de maneira transformadora. E como não ver sua obra num movimento que, de maneira não combinada, atinge o conjunto do mundo cristão, em escala planetária, e se manifesta no resplendor generalizado da teologia clássica? Inculturar o dinamismo da fé torna-se, em todos os lugares, para mais e mais fiéis, a condição essencial que permite continuar crendo. Todos os conceitos são tocados, inclusive,

¹⁰ Cf. MOINGT, J. *Immortalité de l'âme et/ou résurrection. La Vie* 21/107 (1972) 65-78: “[...] quanto a nós, não pensamos que a Revelação nos impõe conservar os antigos conceitos semíticos nos quais ela outrora se expressou, e não vemos por que os conceitos helenísticos, e outros em seguida, não seriam também bons para expressar o que a Igreja compreende, legitimamente, a respeito dessa Revelação” (p. 74).

é claro, o da ressurreição. Então, que acontece com ele? Como é que ele se sai dessa aventura? Sobrevive à empreitada? Qual é a forma que manifesta mais resistência, a do Oriente Médio dos inícios ou aquela que veio depois?

Que dizer?

Certamente, é muito cedo para fazer a triagem, em nossas culturas, das novas maneiras de expressar aquilo que o conceito de ressurreição subentende, aquilo que não é enfraquecido por alguma linguagem e é suscetível de ser redito sob múltiplas formas numa infinidade de culturas, através do vasto movimento da história. As tradições passadas permitem-nos, certamente, intuir aquilo que se procura, mas, evidentemente, não tão bem quanto o faria uma inculturação que chegou ao seu termo. Trata-se de uma tarefa de fôlego, coletiva, fruto de múltiplas partilhas, e revelando sua autenticidade em vidas conformes às dos santos e santas da história. Portanto, não se pode esperar dizer, hoje, aquilo que será a fé amanhã. É, porém, permitido, e poderia ser útil, efetuar um levantamento da questão, na esperança de ver as coisas um pouco mais claras. Num primeiro momento, um ensaio será tentado em vista de determinar aquilo que, nas linguagens passadas sobre a ressurreição, dever-se-ia, ainda, encontrar na fé de amanhã (“como um mestre que tira de seu tesouro coisas antigas...”). Depois, serão esboçados alguns dados tirados da cultura de hoje que merecem ser levados em conta (“...e coisas novas” – Mt 13,52). Não há dúvida que a tarefa é perigosa, e é aqui oferecida sem nenhuma pretensão, apenas como contribuição para a reflexão sobre o assunto. Nesse campo, uma proposição tornar-se-á opinião comum entre os cristãos de uma certa cultura somente se encontrar ampla ressonância interior num grande número de fiéis.

[...] coisas antigas...

Na Bíblia, com exceção dos textos da tradição sapiencial que adotam a concepção da imortalidade da alma, a morte é total: nada e nenhuma parte do ser humano dela escapa. Os textos que falam dessas sombras que povoam o Xeol (Sl 88) não lhes atribuem densidade metafísica real; servem-se de uma imagem para dizer o nada numa cultura que não conhece o termo. Essa maneira de conceber a radicalidade da morte, fundamentada na unidade do ser humano, junta-se à sensibilidade contemporânea à unidade fundamental deste último, à origem material dos processos cerebrais,¹¹ às possibilidades de a matéria complexificar-se até a consciência. Hoje, talvez tenhamos mais afinidades com o pensamento hebraico sobre o ser humano do que com o pensamento grego.

Como toda esperança, “ressurreição” era, antes de tudo, a expressão de um movimento, de uma atitude fundamental de confiança. O termo não podia descrever o indizível, mas foi escolhido porque simbolicamente apropriado para indicar o sentido da vida humana e seu prolongamento

¹¹ Cf. SEARLE, J. R. *La redécouverte de l'esprit* (nfr essais). Paris, Gallimard, 1995. p. 19. Citado por JACQUES, R. *Le corps dans la modernité. De la méfiance et dusurpement. Théol 5* (1997) 42-43; no mesmo número cujo tema é: *O corpo. Do dualismo à alteridade*, cf. R. Jacques, “Le corps encore” (com bibliografia comentada de forma resumida), pp. 3-8.

possível no além. Do sono da morte sai-se desperto, em pé. Somos chamados a viver e morrer animados por uma tal confiança. Qualquer outro vocábulo destinado a substituir o da ressurreição deveria assentar-se nessa confiança fundamental.

A ressurreição neotestamentária fala de recriação sob uma outra maneira de existência. A carne e o sangue não podem herdar o Reino de Deus (1Cor 15,50). Ressurreição exclui retorno à vida anterior (reencarnação), ou a uma vida semelhante à maneira anterior de existir. O conceito implica a identidade fundamental do “corpo” antes da morte e depois da ressurreição. Esses dados são essenciais para qualquer inculturação futura, sob condição que seja excluída uma necessária utilização dos elementos materiais do “corpo” morto para recriar o “corpo” ressuscitado. Do contrário, a ressurreição torna-se quase impossível de ser encarada pela grande multidão de seres humanos, cujos elementos corporais são decompostos, dispersos ao vento ou reutilizados não se sabe bem para quê.¹² Entretanto, e isso não sem causar alguns problemas, se eles supõem que o ressuscitado é fundamentalmente idêntico àquele que estava na fase histórica de sua existência, os textos do Novo Testamento não explicam como pode aparecer na vida uma realidade que foi totalmente destruída na morte.¹³

O “corpo” do qual fala a Bíblia é essencialmente um sistema de comunicação. Ele está vivo porque dinamizado pelo sopro de Deus, dom sem o qual qualquer vida é impossível.¹⁴ Tal corpo não pode subsistir a não ser ligado de maneira vital com o seu ambiente: tem necessidade de ar, de água, de alimento, de um envoltório humano, de uma cultura etc. O corpo preserva-se vivo à custa de trocas contínuas com seu meio de vida. Separado de Deus, dos outros seres humanos ou da natureza, ele morre. Essa definição de corpo, centrada na comunicação mais do que na materialidade (a “carne”), preserva o seu interesse ainda hoje em dia.¹⁵

Essa definição do corpo tem um corolário obrigatório, isto é, que a ressurreição neotestamentária é uma realidade coletiva; ele atinge um conjunto, cuja definição pode variar conforme os autores, e não indivíduos isolados. É por isso que Paulo não pode conceber uma ressurreição somente de

¹² Se a ressurreição de Cristo é considerada normativa para todas as outras, podemos, então, excluir que ela seja efetuada a partir do cadáver de Jesus, ou que seja aquela que explique que o túmulo foi encontrado vazio, ou que tenha marcado o sudário de Turim pela sua irradiação etc. É prudente a formulação de J. Moingt, *L’homme qui venait de Dieu* (Cogitatio Fidei 176), Paris, Cerf, 1993, pp. 162-163: “Ele [o relato do túmulo vazio] não se interessa em dizer que o que se tornou o *corpo* que estava no túmulo, mas em afirmar que o *morto* foi arrancado da morte e que saiu do Xeol totalmente vivo, de uma vida agora *incorruptível*, isto é, livre das condições da vida terrestre” (os termos em itálico são do próprio texto).

¹³ Para isso, cf. item 4.

¹⁴ A respeito do corpo no Antigo Testamento, cf. D. Lys, “L’arrière-plan et les connotations vétérotestamentaires de *sarx* e de *sôma*”, in (em colaboração) *Le corps et le corps du Christ dans la première épître aux Corinthiens*. Congrès de l’ACFEB, Tarbes, 1981 (Lectio Divina 114), Paris, Cerf, 1983, pp. 47-70.

¹⁵ Todavia, a materialidade do corpo ressuscitado tem seus defensores de prestígio: “Ele [o símbolo apocalíptico da ‘ressurreição dos mortos’] não pode ser espiritualizado sem ser destruído: a ressurreição é ressurreição corporal ou não é ressurreição [...]. As “aparições” de Cristo eram aparições corporais, senão não se poderia identificar os sinais dos cravos, e ele não poderia repartir o pão com seus apóstolos” (MOLTMANN, J. *Jésus, le messie de Dieu* [Cogitatio Fidei 171]. Paris, Cerf, 1993. p. 353). Mais adiante, o autor escreve o seguinte: “Se não existe ‘ressurreição da carne’ natural, não existe, também, ‘ressurreição dos mortos’ pessoal” (p. 357).

Jesus, independente daquela da coletividade (1Cor 15,12-13).¹⁶ A ressurreição do corpo ou sistema de comunicação (o de Jesus) sem ninguém mais com quem comunicar-se seria um absurdo. Essa dimensão coletiva da ressurreição diz algo de essencial sobre a solidariedade humana, que, através dos dados anteriormente enunciados, merece ser retomada.

[...]e coisas novas...¹⁷

Redizer a fé implica que se leve em conta grandes tomadas de consciência que atravessam a própria cultura. Se há uma “revelação” que se impõe em todos os lugares desde séculos com mais clareza do que antes, é esta: a humanidade é una. Trata-se de uma autêntica revelação, que, aliás, tem vários modos de expressão: sentido da fraternidade universal, respeito a uma comum dignidade, repulsa diante de todo atentado aos direitos humanos justificado em nome de Deus etc. Para essa tomada de consciência, pode-se, certamente, encontrar todo tipo de explicações empíricas: progressos técnicos que facilitaram as viagens, deslocamentos e, portanto, contatos entre os seres humanos; fotografia impressionante tirada pela tripulação da Apollo XI do nosso belo planeta azul, tendo como pano de fundo o escuro do espaço, que ilustra nossa sorte comum, nossa fragilidade partilhada; dados genéticos que demonstram que todos os seres humanos têm a mesma origem e fazem parte da mesma família. A intuição religiosa, porém, também permite ver, nessa tomada de consciência comum, o efeito de um impulso do dinamismo de Deus em ação em toda a humanidade, uma autêntica revelação. Um corolário à antiga revelação: *YHWH Eloheinu, YHWH ehad* (Dt 6,4). A humanidade, originária de um mesmo Deus e criada à sua imagem, é uma com ele. Os seres humanos devem, portanto, aceitar que é na espécie humana tomada como um todo que o Deus único se reconhece. E que os caminhos para ele são muitos. E que ninguém pode pretender dizer tudo dele, ou dizer melhor do que os outros. Que, portanto, a melhor religião em si não existe. Mas que cada ser humano é chamado a descobrir qual é a melhor para ele, para ela, no respeito absoluto do caminho que o(a) outro(a) descobriu para si mesmo(a). Redizer a “ressurreição” nessa perspectiva requer a inclusão do resto da humanidade em sua extensão.¹⁸ O discurso deve ser bem amplo, aberto e acolhedor e, ao mesmo tempo, não excluir ninguém, permitindo à multidão reconhecer-se na formulação cristã e evitando para os cristãos a armadilha de pensar que somente eles têm o melhor e mais completo discurso sobre o além.

A tomada de consciência da unidade da humanidade não implica somente que a “ressurreição” seja uma possibilidade para todo ser humano, mas exige que isso se torne realidade para todos. De

¹⁶ “É a comunidade humana que ressuscitará e que será transfigurada na luz de Deus, e não a alma singular, isolada e particular” (MOLTMANN, J. *Jésus*, cit., p. 368). Entretanto, devemos lembrar-nos de que é legítimo, *hoje*, estender a ressurreição à humanidade, que Paulo a espera de maneira privilegiada para a comunidade dos discípulos de Jesus. Cf. GUÉNEL, V. *Tableau des emplois de sôma dans la 1ère lettre aux Corinthiens*. In: *Le corps*, cit., pp. 71-85.

¹⁷ Algumas formulação que se seguem foram retomadas de A. Myre, “Mourir et après”, in Office de Catéchèse de Québec. *Vieillir en douce*. Ottawa, Novalis, 1997. pp. 113-125.

¹⁸ Ao contrário de Paulo, João estende, explicitamente, a ressurreição ao conjunto da humanidade, mas distingue uma ressurreição *de vida* para aqueles que tiverem feito o bem e uma ressurreição *de condenação* para aqueles que tiverem feito o mal (Jo 5,29).

fato, cada ser humano é um ser coletivo.¹⁹ Podemos ter a impressão de que cada um de nós é o único responsável pelo que nos tornamos, mas é uma ilusão. Nossos genes sintetizam a história da humanidade desde seus inícios. A linguagem, que coloca nossa consciência no mundo, remonta a algumas centenas de gerações. Sem a linguagem, produzida pelos nossos predecessores, não poderíamos nem mesmo pensar ou amar. Nós somos o produto, consciente e inconsciente, de milhares de encontros e conhecimentos realizados durante a nossa vida. Nós somos o que somos porque nossos pais nos deram a vida, porque a nossa família nos marcou, porque nossos mestres nos abriram para a vida e para o mundo, porque fomos influenciados por nossas amizades, nosso ambiente de trabalho, os livros, os jornais, o rádio, a televisão, a música, as viagens. Nós somos aquelas ou aqueles que os outros contribuíram para fazer. Eles são, em grande parte, responsáveis por nós. Nós somos obra deles. E, através deles, é a humanidade que está ligada a nós, e nós a ela. Cada ser humano não se criou sozinho, não existe sozinho, não toma consciência de si sozinho, não ama sozinho e não tem sentido algum sozinho. É por isso que a ressurreição de um indivíduo isolado, ou efetuada isoladamente, é impensável. A humanidade ressuscita coletivamente ou não ressuscita de modo algum.

O corolário desse aspecto coletivo da ressurreição é que a salvação, não somente em sua oferta, mas em sua realidade, é também universal. Em outras palavras, ninguém se salva sozinho, salva-se em conjunto. E se um só é salvo, todos o são. E se um só se perde, todos se perdem igualmente. A humanidade é por demais solidária para que o tecido possa se desfazer. É difícil imaginar um ser humano que nunca amou ninguém, ou que nunca foi amado por ninguém. O mínimo que um ser humano seja necessário à felicidade do outro, sua salvação está garantida. Há qualquer coisa ao mesmo tempo de assegurador e de ameaçador nessa solidariedade. É assegurador saber-se ligado aos outros, escapando, assim, da espantosa solidão diante do juiz do fim. Mas é também evidente que os gestos de todos os outros humanos podem ameaçar minha felicidade eterna. Não posso dizer a mim mesmo: cuido das minhas coisas, tranquilo; que os outros se organizem, que se danem. As guerras, as violências, as injustiças da humanidade são minhas; sou responsável tanto quanto todos os outros seres humanos. Contudo, a esperança cristã é que o mal não conseguirá triunfar sobre a humanidade e que a ressurreição de Jesus já garante aquela de todos os seres humanos.²⁰

Uma segunda tomada de consciência, própria do nosso tempo, diz respeito à nossa ligação com o cosmo. O Novo Testamento fala pouco da salvação do cosmo, porque para ele é um dado evidente. O próprio Deus habita aí (Pai nosso, que estais no céu...) e é em alguma parte deste universo, provavelmente no céu, que, segundo o Novo Testamento, serão alojados os futuros ressuscitados. Entretanto, o cristianismo posterior tirou completamente Deus e o além do cosmo. Assim fazendo, e centrando-se na alma imortal, calou-se sobre o futuro do cosmo. A matéria, o mundo, o corpo, a carne, os animais, as coisas desta vida foram silenciadas, quando não desvalorizadas. Contam

¹⁹ Num artigo cheio de matizes sobre o corpo, “Le sujet à l’image d’un corps ni instrument ni idole”, *Dio* 172 (out.-dez./1995) 59-75. O. Abel tem esta frase: “[...] o corpo humano já é sempre um corpo ‘artificial’, um corpo cultural” (p. 75).

²⁰ Sobre a possibilidade do inferno, ver nota 32.

somente o intelecto, com suas funções, e o mundo do além, cujas realidades daqui de baixo são apenas um pálido anúncio.

De sua parte, nossa época se interessa, apaixonadamente, pelo cosmo, sua origem, seu futuro. Tem a tendência, até, de tirar o ser humano do centro da cena, que ocupa desde o Gênesis, para vê-lo como uma das manifestações da vida apenas; assim como tirou a terra do centro em relação ao sistema solar, do mesmo modo tirou este último do centro em relação ao cosmo. O importante não é mais unicamente o ser humano, mas a vida, e o conjunto do real do qual os humanos talvez não sejam senão um dos elementos conscientes. Segundo a sensibilidade de nossa cultura, na qual convém, aqui, ver também a emergência de uma “revelação”, é impossível encarar uma salvação da humanidade, esta poeira de estrelas (H. Reeves), sem que esta atinja o conjunto do cosmo. Portanto, é impossível preservar o termo “ressurreição” (= “despertar” ou “reerguimento”), que se refere propriamente ao ser humano, para designar a salvação da realidade global que é o universo.²¹ Requer-se um termo mais amplo para falar sobre a libertação ou o futuro do conjunto da realidade material (Rm 8,18-22).

Como dizer?

Talvez, como ensaio de inculturação daquilo que o termo ressurreição quer dizer, fosse necessário falar de recriação.²² Recriação de Jesus e da humanidade, recriação do cosmo.

Usar o termo “recriação” pressupõe que a morte inevitável dos seres humanos ou a destruição eventual do cosmo seja total. Ou, ainda, que nada daquilo que existe no mundo material tem acesso à realidade do além. Nada passa para o outro lado, nada atravessa a morte, nada sobrevive à destruição, nada serve para a recriação.²³ A consciência estende-se no nada, na atitude aberta da confiança.²⁴ Há essa realidade fora de um Deus? É realmente possível recriar na existência e na vida, fora do espaço-tempo e de outro modo que não seja na matéria, essas densidades pessoais, conscientes e amorosas que são os seres humanos, ou nesse universo em processo constante de complexificação, do qual eles fazem parte? De fato, essa recriação se deu em Jesus, cujas bases na história duram apenas dois mil anos, duração que se poderia dizer imperceptível na cronologia

²¹ “A natureza não se refere à história humana, como a época moderna acreditava complacentemente, que pensavam em termos antropocêntricos; ao contrário, a história humana se completa na ressurreição da natureza, porque é somente nela e com ela que uma ‘salvação’ da vida humana se torna pensável” (MOLTMANN, J. *Jésus*, cit., p. 350).

²² BROWN, R. *The virginal conception and bodily resurrection of Jesus*. New York, Paulist Press, 1973. p. 129 (já apresentava a alternativa seguinte: “Se o corpo de Jesus se corrompeu no túmulo de modo que a sua vitória sobre a morte não contou com ressurreição corporal, então se impõe o modelo de uma destruição seguida de uma nova criação. Se Jesus não foi erguido corporalmente dos mortos, então o modelo cristão deveria ser de transformação”).

²³ LYS, D. “L’arrière-plan”, cit. Escreve que “não há continuidade nem transição entre este mundo e o da ressurreição; a ligação é estabelecida não pela natureza, mas pela graça de Deus numa espécie de *re-criação*”. Contudo, ele continua dizendo que “a mudança deste mundo para o outro [...] consiste [...] na transformação desta matéria, que de ‘psíquica’ [...] se torna ‘espiritual’” (p. 69).

²⁴ “Nós temos certeza dela [da ressurreição dos corpos] não somente por causa da ressurreição de Cristo, mas por causa da ação de Deus, que garante a continuidade entre a semente e a planta, que garante a diversidade dos corpos segundo a sua origem. É preciso ter confiança nele” (GUÉNÉL, V. “Tableau”, cit., p. 85).

cósmica, e pode ela ter sentido para o conjunto do universo? Confiança, somente a confiança pode dizê-lo, ela, porém, que jamais saberá se tem razão antes de morrer totalmente.²⁵

A recriação levará em conta, confiança!, essa realidade anterior. É isso que indica o *re* em “recriação”. Não se trata de uma criação *ex nihilo*, mas de uma criação renovada, totalmente sob outras condições, daquele que já terá sido. Cristo é Jesus recriado. Não um corpo reunido a uma alma subsistente. Não uma nova criação total. Mas recriação daquele que antes fora o homem de Nazaré, sem que nada tenha existido entre Jesus e Cristo, talvez nada além da lembrança de Deus.²⁶ Entretanto, essa lembrança é tudo o que conta, pois diz a importância dessa existência humana, e, através dela, do conjunto da humanidade e do cosmo do qual ela é inseparável.²⁷ Se um ser humano já está salvo, a humanidade toda estará. Confiança! A recriação atingirá todos os seres humanos, e juntos. Porque, se, por definição, o além situa-se numa dimensão imaterial, ele foge das categorias de espaço e de tempo. Portanto, é dizer que a recriação é vivida, ao mesmo tempo (se assim se pode dizer...), por todos os seres humanos. Um ser humano que morre, que é atingido pelo vazio do nada,

²⁵ WEDDWEBURN, A. J. M. *Resurrection*, cit., p. 134 (conjugua confiança e agnosticismo: “Em todo caso, o resultado do percurso rápido dos problemas filosóficos levantados pela idéia da sobrevivência após a morte, sob forma corporal ou não, é, como as conclusões tiradas após a pesquisa sobre os problemas históricos que envolvem a ressurreição de Jesus [cf. pp. 66-99], um tanto negativo: é difícil não se mostrar agnóstico quanto à sobrevivência da pessoa humana após a morte e quanto à natureza de uma sobrevivência qualquer. É muito difícil, senão impossível, conceituar a natureza ou as modalidades dessa sobrevivência. Talvez fosse mais indicado falar simplesmente de ‘vida’” (p. 151). RAHNER, K. *Foundations of Christian faith. An introduction to the idea of Christianity*. New York, Seabury, 1978. pp. 266-267 (original alemão é de 1976). Rahner já ousa fazer esta afirmação: “[...] a morte [...] é precisamente renúncia essencial e abandono radical de todo modelo imaginário do ‘como’ dessa finalidade [a ressurreição], que tal modelo seja aparentado ao ‘corpo’ ou à ‘alma espiritual’ desta única existência humana”.

²⁶ Para MOINGT, J. “Immortalité”, cit., p. 76, “é o olhar de Deus sobre nossa pessoa que lhe permite, como um pólo fixo de referência, construir e conservar sua identidade consigo mesmo, para que se fixe sobre uma base de ser estável, apta a suportar a eternidade desse olhar”. Mas o que é essa *base de ser estável* que sobrevive à morte? Isso parece ser “a alma [que] reconstitui um corpo espiritual, que é a rede orgânica das conexões e das articulações dos seres e das coisas pelas quais se constituiu a nossa personalidade terrestre” (p. 78). Outra solução, proposta por J. Moltmann, *Jésus*, cit.: “Existe algo nesta ‘carne’ vulnerável e mortal que seja imortal e que possa ser uma força de regeneração da carne? [...] Ele [um princípio desse tipo] reside na *identidade somática* que permanece durante a morte, e sem a qual uma ‘ressurreição dos mortos’ seria impensável. Os mortos devem ser identificados por Deus, embora eles conheçam a corrupção. Deus lembra-se deles” (pp. 359-360) — as palavras em itálico são do próprio texto). LÉON-DUFOUR, X. *Resurrection*, cit., n. 42, p. 302, tem uma formulação interessante: “[...] ela [a ação divina] ressuscita um ser humano cuja estrutura, recebida em sua concepção e modificada pela liberdade durante sua vida até a morte, pode ser novamente vivificada”. Gostariamos, porém, que fosse esclarecido o estatuto ontológico dessa *estrutura* na morte. GISEL, P. *Corps et esprit. Les mystères chrétiens de l’incarnation et de la résurrection* (Entrée libre 23). Genève, Labor et Fides, 1992. p. 90. Remete-se a Deus: “A fé cristã fala de ressurreição na medida em que eu sou chamado, no coração do mundo, a responder sobre mim e sobre o que me acontece remetendo a um outro Deus a quem eu remeto minha verdade e minha identidade últimas”.

²⁷ Em sua apresentação do pensamento de um representante importante da teologia do processo, S. Sia, *God in process thought. A study in Charles Hartshorne’s concept of God* (Studies in philosophy and religion), Dordrecht, Martinus Nijhoff, 1985, pp. 104-105, escreveu o seguinte: “Ultimamente, nós contribuimos com o divino tesouro dos valores, que está em contínua expansão. Nós servimos a Deus; nossa meta fina e global é contribuir com a vida divina [...]. Portanto, segundo Hartshorne, nossa imortalidade é a memória que Deus tem de nós”. Aspirar à imortalidade pessoal equivale a colocar Deus a seu serviço, o que é blasfêmia (p. 105). Confesso achar tais pensamentos muito nobres, mas também bem conformes à mentalidade capitalista estadunidense, segundo a qual os operários existem para enriquecer o patrão. É de fato *blasfêmia* pensar que a esperança humana de uma sobrevivência pessoal e coletiva, sob qualquer forma que seja, provenha do desejo do próprio Deus de continuar no além o diálogo iniciado na história? Para outras reflexões saídas dessa corrente de pensamento, cf. D. R. Griffin, “Postmodern animism and life after death”, in *God and religion in the postmodern world. Essays in postmodern theology* (Sunny series in constructive postmodern thought), Albany, State University of New York, 1989, pp. 83-108.

experimenta a recriação com todos os outros seres humanos, tanto os que o precederam ou o acompanharam na morte quanto aqueles que, na história, experimentarão a morte depois dele. Morrer é tanto deixar os seus atrás de si quanto encontrar toda a humanidade, de repente, na frente. Se o além existe, confiança!, aqueles que nos precederam na morte estão em diálogo conosco.

O que nós seremos e o que será conservado na lembrança de Deus é o que será recriado, por isso a importância da vida, por isso a importância de Jesus. Ter confiança nele significa que aquilo que de nós será recriado será conforme à sua maneira de viver, e o resto não merece escapar da corrupção (At 2,31). E se ele é Cristo e tem o poder de interpelar-nos a partir de dentro,²⁸ ele nos convida — se nos é permitido retomar aqui, de outro modo, o termo tradicional — a fazer nossa alma. Por causa da nossa condição de seres corporais conscientes, somos chamados a nutrir nossa interioridade. Vamos adquirindo densidade interior à medida da qualidade de nossas comunicações: escuta daquilo que vem de dentro de nós, partilha com nossos circunstantes, respeito pela natureza etc. A vida é-nos dada para fazer nossa alma. E é dessa alma, rica de todos os intercâmbios de uma vida, que Deus se lembrará quando a morte nos atingir, é nela que ele reconhecerá a imagem de seu filho e terá prazer em recriar na vida.²⁹

Se um único ser humano que viveu no cosmo já está salvo, este último será inteiramente salvo. Confiança! Sem que nada passe daqui para lá, é o que chegará aqui que será recriado lá. Há nisso algo do cosmo e da humanidade, a vontade livre ao menos. O universo tem em si um princípio de complexificação crescente – ousar-se-ia falar de alma? –, que tem seu quadro de sucessos e malogros. É nele que viveremos, do qual teremos sofrido a influência, e que nós, de nossa parte, teremos modificado através do nosso comportamento diante da natureza. É dele que Deus se lembrará, ele que terá modelado a alma do músico pelos sons; a do pintor, pelas cores e as formas; a do matemático, pelas equações; e a de todos, pelos animais, pela beleza e pela imensidão, é ele que será recriado conosco.

Quando eu for recriado, “ao mesmo tempo” que todos os seres humanos,³⁰ estarei rodeado de minha comitiva de acolhida, essa rede de parentes e de amigos, de irmãos e irmãos na fé, com quem eu terei vivido a minha vida. Através deles, compreenderei o calor da acolhida de Deus, e que já faço

²⁸ Eu uso esse vocabulário num texto escrito por um cristão para os cristãos (ver a função do Sopro de Deus ou de Cristo em Rm 8). Num contexto de diálogo inter-religioso ou simplesmente humano, seria necessário ver como os valores vividos pelo Jesus da história são partilhados pelos participantes, como dirigem suas vidas e orientam sua esperança.

²⁹ Algumas frases inspiradoras de J. Moingt, *L'homme*, cit., pp. 384-385: “Sua [do ser humano] identidade não é definida — circunscrita — por uma natureza estática, que ele mantém de sua origem carnal, mas por *aquilo que faz de si mesmo*, pela existência histórica que se dá na ordem de sua destinação a Deus, para alcançar a verdade da qual ele *foi feito* à imagem de. A ressurreição pode, assim, ser compreendida, seguindo a linha de São Paulo, como o ato de Deus, ato de dar uma vida incorruptível à realidade espiritual que o ser humano *tira* de sua vida corporal” (As palavras em itálico são próprias do texto).

³⁰ Segundo G. Greshake, que se apóia em um bom número de teólogos católicos, a ressurreição do corpo realiza-se na hora da morte; portanto ela está próxima de cada um de nossos mortos (pp. 118-120). A idéia de Greshake tem vários méritos: torna evidente a não-utilização das moléculas do corpo de que somos feitos na confecção do corpo ressuscitado; permite evitar o discurso sobre o estado da alma imortal na espera do seu corpo; convida a pensar que, já a partir da travessia da morte, se dá o encontro eterno de todos os seres humanos: não se deixa nada atrás de si, pois, quando se morre, vai-se ao encontro de todos os seus etc.

parte da comunhão dos santos. E eu me verei tal qual jamais me vi. Compreenderei o que eu fui, verei o sentido do que eu fiz, ou não fiz. E poderei, misericordiosamente, julgar-me. Tanta gente que ajudei sem o saber, tanto mal que fiz sem dar-me conta. E, num cenário de ação de graças ou de remorsos profundos, partirei para receber o perdão de minhas irmãs e de meus irmãos humanos.³¹ E terei vivido o meu purgatório.³² Então, entrarei num processo infinito de conhecimento e de amor, processo do qual, na terra, terei vislumbrado o poder, em minhas experiências de queda em amor estupendas ou de *insights* de tirar o fôlego. E terei a intuição de que nunca conhecerei a Deus, mas nunca ficarei enfasiado de passar minha eternidade a procurá-lo.

³¹ Nesse “eu” pode-se ver tanto a grande santa quanto um homem como Hitler. Quanto ao destino que espera os seres humanos no além, não se deve deixar de reler o texto de Platão: “Quando os mortos chegarem ao lugar onde seu gênio tutelar conduziu cada um deles, aí, antes de qualquer coisa, todos são julgados [...] [1] Aqueles que tiveram uma vida comum são encaminhados para o Aqueronte [...]. Lá, então, passam a morar e a submeter-se à purificação tanto para remissão das penas imputadas à suas ações delituosas, quer obtendo recompensas pelas boas ações que praticaram, segundo os méritos de cada um. [2a] Aqueles, porém que são julgados incuráveis pela magnitude dos pecados cometidos [...] esses, recebem a paga merecida e são precipitados no Tártaro, para nunca mais saírem. [2b] Aqueles cujas faltas, apesar de grandes, têm ainda remédio [...] Esses devem, necessariamente, ser lançados no Tártaro; mas depois de um ano em que foram precipitados, uma onda os lança para fora [...] Quando, levados pela corrente, chegam às margens do lago Aquerusias, chamam em altos brados [...] [suas] vítimas[...] [3a] Mas, certamente, aqueles que tiveram uma vida reconhecidamente de grande piedade, esses [...] se estabelecerão na superfície da Terra. [3b] Entre esses, aqueles que se purgaram suficientemente pela filosofia passam a viver, absolutamente, sem seus corpos, durante o resto do tempo, [...] Mas acreditar que algo semelhante venha acontecer com as almas e seu destino, ou mais ou menos assim, [...] eis [...] o que convém defender, eis o risco que deve correr aquele que crê que é assim. Porque é um risco que vale a pena correr” (*Fédon* (GF 489). Paris, GF Flamarion, 1991. 113d-114d, pp. 302-303 *NdT*. Para a tradução portuguesa, também foi usado Platão, *Diálogos*. São Paulo, Nova Cultural. pp. 185-186. Coleção Os Pensadores.

³² Por outro lado, poderia acontecer que alguém, vendo-se assim recriado na vida, a recusasse absolutamente e se opusesse, inteiramente, a qualquer comunicação, a qualquer amor, a qualquer inserção na humanidade, proferindo a solidão total? Essa possibilidade não deve ser excluída. Entrementes, dentro dos limites do universo conhecido, um ser, não estando isolado, mas na verdade dependendo dos outros e se situando em ligação com eles, dizer não a qualquer relação significaria dizer não à própria existência. Tal recusa de ser seria, portanto, apelo ao aniquilamento. Desaparecer no nada, talvez seja assim que devamos compreender a tradicional expressão “cair no inferno”.